internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Países europeus defendem implementação na COP31

UE é criticada por entraves nas negociações sobre financiamento climático

/ MEIO AMBIENTE

KIARA WORTH/UN CLIMATE CHANGE/JC



Programa de aporte às nações foi debatido ontem na conferência

Cumprir o que já foi acordado. Em entrevista ontem em Antália, Wopke Hoekstra, comissário europeu para o clima, declarou que a COP31 "está fundamentalmente em contradição com a lógica da implementação". Reclamava da "lista de compras" inserida na decisão de capa, mecanismo escolhido por turcos e australianos, que dividem a chefia desta Conferência do Clima da ONU, para documentar a resolução política do evento.

ONGs, por outro lado, criticavam o que consideram intransigência do bloco europeu nas discussões técnicas sobre financiamento climático. "Acho que a decisão preliminar não vai na direção certa e precisa de mudanças significativas", afirmou Hoekstra ao lado de Darragh O'Brien, ministro para o Clima, Energia e Meio Ambiente da Irlanda, que exerce a presidência rotativa do bloco.

O comissário reclamou dos pleitos na área financeira, comparando-os aos sistemas de captura de carbono, uma das tantas panaceias do debate climático. "E, só para deixar claro, a União Europeia, como maior doadora do mundo, continuará a honrar seus compromissos. Estamos aqui para mostrar aos parceiros, aos cidadãos e às empresas que a transição para uma economia limpa está ocorrendo e, na verdade, está se acelerando, porque faz sentido do ponto de vista econômico e de segurança."

Enquanto Hoekstra falava da decisão de capa, ambientalistas denunciavam o posicionamento dos países europeus no debate sobre o Programa de Trabalho do Financiamento Climático, que divide países desenvolvidos e aqueles que precisam de recursos para o enfrentamento da mudança climática.

Segundo a Oil Change International, UE, Noruega, Suíça e outros países ricos estão propondo tirar do documento final procedimentos acordados na COP30, de Belém, como triplicar o volume de transferências para adaptação e a prestação de contas histórica.

O número de colchetes no rascunho sobre o assunto, que contabilizam o número de divergências no texto, subiu de 74 para 123 em apenas um dia, segundo levantamento do site Carbon Brief. É um termômetro de como a discussão está travada.

A estratégia europeia, que não é inédita em COPs quando o assunto é dinheiro, valeu à UE o título de "Fóssil do Dia", a tradicional premiação da Climate Action Network para quem mais contribui para o bloqueio das negociações.

"Um programa de trabalho sem mandato substantivo, cronograma de negociações e resultados mensuráveis não reduzirá a lacuna de financiamento. Apenas aprofundará a crise de confiança que já ameaça a cooperação climática internacional", ponderou Tatiana Oliveira, do WWF-Brasil.

Os discursos do comissário e de O'Brien se concentraram na meta de eletrificação de 35% até 2035 defendida pela presidência da COP31, no reconhecimento do "overshoot", a trajetória de aquecimento acima de 1,5°C, o limiar do Acordo de Paris, e na crise do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), o órgão científico global sobre o clima.

A dupla declarou que a UE seria pragmática em apoiar a proposta de eletrificação, mesmo que não esteja condicionada ao uso de energia limpa, e que via com bons olhos a inserção na decisão de capa do mapa do caminho para o afastamento dos combustíveis fósseis, outra herança deixada pela presidência brasileira da conferência.

Presidente da Mongólia renuncia ao cargo

/ ÁSIA

O presidente da Mongólia, Ukhnaa Khurelsukh, anunciou, ontem, que vai renunciar ao cargo. A declaração foi feita após alegações de corrupção e ameaças de impeachment por parte do partido de oposição do país. Eleito em 2021, ele ficaria no cargo até 2027, já que no país o mandato tem duração de seis anos.

Em entrevista coletiva, Khurelsukh afirmou estar sendo "falsamente acusado e difamado", mas que renunciaria para "restaurar seu bom nome"; disse, ainda, que colaborará com as investigações.

No pleito, o Partido Popular Mongol conquistou uma vitória avassaladora, na qual a legenda conquistou a maioria no Legislativo. Nos últimos anos, a sigla tem sido marcada por disputas internas.

O anúncio se deu depois que Nyambaatar Khishgee, ex-prefeito de Ulaanbaatar, capital do país, afirmou que Khurelsukh recebeu US$ 25 milhões ligados ao projeto ferroviário Tavantolgoi-Gashuunsukhait. Na sequência das acusações, o Partido Democrático, da oposição, pediu a renúncia de Khurelsukh.

A renúncia de Khurelsukh entrará em vigor assim que for aceita pelo Parlamento, conhecido como Grande Khural do Estado.

Trump diz que vai pressionar Putin e Xi por fim da guerra na Ucrânia

/ GUERRA DA UCRÂNIA

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse ontem que pretende pressionar os presidentes da China, Xi Jinping, e da Rússia, Vladimir Putin, para encerrar a guerra na Ucrânia. O líder norte-americano acrescentou que estaria disposto a realizar uma reunião bilateral separada com Putin, "se for possível", sem fornecer detalhes sobre as condições para o encontro.

A declaração foi dada antes de reunião com os líderes do Quad, nas Filipinas, com participação dos primeiros-ministros da Índia, Narendra Modi, da Austrália, Anthony Albanese, e do Japão, Sanae Takaichi.

Em relação às conversas previstas com Xi durante sua viagem à Ásia, Trump afirmou ter certeza de que o líder chinês abordará a questão de Taiwan, território autogovernado reivindicado por Pequim.

O presidente americano também comentou o vazamento de milhões de documentos internos do Deutsche Bank, que provocou forte queda das ações da instituição alemã nesta terça-feira. "É ilegal que eles façam isso", declarou.

As reportagens baseadas nos documentos abordam negócios do banco na Rússia, sua relação comercial com Jeffrey Epstein e operações envolvendo o próprio Trump. O Deutsche Bank afirmou que as questões são antigas e que, quando pertinente, foram analisadas em colaboração com órgãos reguladores.

Zelensky destrói trecho vital da ponte de Putin na Crimeia

Uma série de ataques com mísseis e drones da Ucrânia, ocorrida entre a segunda e esta terça-feira, destruiu trecho vital da ponte da Crimeia, a obra de Vladimir Putin que simbolizava a anexação da península pelos russos em 2014. Ao menos duas pessoas morreram e o trânsito no local foi fechado.

A ação ocorre antes do encontro entre o presidente russo, o americano Donald Trump e o líder chinês, Xi Jinping. Eles farão uma cúpula inédita em que uma solução para a Guerra da Ucrânia, iniciada por Putin em 2022, será discutida sem a presença de Kiev.

Segundo imagens feitas de terra e numa sequência de vídeos divulgada pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, o ataque destruiu a seção rodoviária em arco da ponte sobre o estreito Kertch, que separa a península da Rússia continental.

Esse trecho de 227 metros é o único da construção de 19 km que não tem pilastras sustentando as pistas, e sim um arco metálico, para haver trânsito marítimo entre o mar Negro ao sul e o mar de Azov ao norte.

Pelas imagens, o arco desabou no mar, o que pode atrapalhar o trânsito de petroleiros, navios de transporte de grãos e as embarcações militares da Frota do Mar Negro que a Rússia transferiu da mais exposta Sebastopol, na Crimeia, para portos no mar de Azov.

O canal tem 120 metros de largura e 8,3 metros de profundidade, o que deverá forçar sua desobstrução. O arco do ramal ferroviário da ponte sofreu danos, mas é incerto se pode desabar. Segundo Zelensky postou no X, o ataque foi uma ação que somou sete etapas em alguns meses, sendo as primeiras a destruição de posições de defesa antiaérea e radares na região.

Na segunda, drones atingiram as pistas da ponte e o arco ferroviário, e o trabalho foi finalizado nesta terça com mísseis Netuno e Flamingo, todos de fabricação ucraniana. O vídeo a partir de um dos mísseis mostra a ponte bem de perto, sugerindo a supressão de defesas eletrônicas para embaralhar sinais na região.

Zelensky comemorou a "ação sem precedentes". Falando ao jornal russo Izvestia, o porta-voz de Putin, Dmitri Peskov, disse que o presidente havia sido informado do caso e que a ponte será reparada para ficar "ainda melhor do que antes". O governo da Crimeia não detalhou os danos, mas disse que a ponte está fechada até segunda ordem.

O ataque é uma humilhação para Putin, que dirigiu pessoalmente um caminhão ao atravessar a ponte em sua inauguração, em 2018. A obra cristalizava a volta da Crimeia ao domínio russo, algo interrompido em 1954, quando o governo soviético decidiu que a península ficaria com a Ucrânia.